

Poems from The Invention of Summer

José Pedro Leite
Translated by Richard Simas

10

Quem primeiro ouviu
escorrerem pela pele os sinos do desejo
Quando começou a água a correr
Qual de nós sentiu o calor
e a casa fluindo através dos membros
Quem assumiu as vertentes do fogo
Quem atirou e recolheu as facas
Que corpo entrou na noite
ou no outro sem ruído
Quem adormeceu despido sobre o dorso do verão

Who first heard
desire's chimes flow through skin
When did water start to flow
Which of us felt the heat
and the house flowing through our limbs
Who took on the branches of fire
Who threw and collected the knives
What body entered night
or the other silently
Who fell asleep naked on summer's back

12

Tanto lume pode a candura extrema
 Assim o vento
 e a velocidade da crosta terrestre
 o tempo vertiginoso nos ouvidos
 soando branco
 até o mais vibrante silêncio
 quando apenas o fogo sulca as têmporas

Assim
 bebido o luminoso vinho da manhã
 fundeámos alados pés sedentos
 na gasolina e na doçura dos dias
 Assim
 anêmonas ancoradas em oceanos de trigo
 ensaiamos mil mortes recobertas de pétalas
 cumprimos casas e caminhos muito limpos
 o poema

Assim
 com dentes crus
 implacáveis
 conscientes
 sôfregos
 ternos
 abrimos as solenes veias do mundo
 e florescemos no cimo da trepadeira do desejo
 vine

Assim
 arados de algas
 aves ou marés
 habitantes despídos dos imensos crepúsculos
 trincamos a vida na explosão dos lírios

Assim dissemos
 dizemos pedra
 ou coluna ascendente
 para a união dos elementos todos
 Assim
 crianças muito antigas
 fomos árvores onde medimos o Verão
 No silencioso e altíssimo resplendor das cerejas

Assim
 iguais
 nus e primeiros
 entramos na deflagrada água
 e anulamos a não-cor de todos os desertos

Extreme candor can cause such flame
 Thus the wind
 and speed of the earth's crust
 dizzying time in the ears
 sounding white
 until the most vibrant silence
 when only fire furrows the temples

Thus
 drunk on luminous morning wine
 we land winged and thirsty feet
 in gasoline and the day's sweetness
 Thus
 anemones anchored in oceans of wheat
 we rehearsed a thousand deaths covered in
 petals
 we kept such clean houses and roads
 the poem

Thus
 with raw teeth
 implacable
 conscious
 eager
 tender
 we open the world's solemn veins
 and blossom at the summit of desire's creeping
 vine

Thus
 ploughshares of algae
 birds or tides
 undressed inhabitants of immense twilights
 we crunch life in an explosion of lilies

Thus we said
 stone we say
 or ascending pillar
 or the union of all elements
 Thus
 very ancient children
 we were trees where we measured summer
 In the silent and towering splendor of cherries

Thus
 equals
 naked and primal
 we enter the shattered water
 and cancel the no-color of all deserts

Ouvir-te
é prece de mar ao fundo

Não te disse ainda
que a tua boca conforma o arco das marés
como se antes de ti
tua língua
barco e velame a prumo
âncora de lume
idêntica à luminosidade dos dias limpos
descobertos
nunca ninguém tivesse dito
vaga
gaivota
sol ou meio-dia

Faço das minhas mãos
suspensa cada palavra tua
ascendidas as sílabas
amarras de pólen
duas cigarras no cima do verão
um verso que a água transcorresse
um interior de búzio
um mapa de navegação

E de meus braços
estendidos para a frente à altura dos ombros
dois canais de irrigação
para que
cumprindo a terra
a subtil trajectória das algas
possas
se quiseses
voz
tua
matéria líquida
e tenra seara inteira
tudo fluir
e fecundar

Não te disse ainda
que trago no peito
uma anémone feita de todos os vidros
Não te disse ainda
que apenas tu
rompes a surda linfa nocturna
e consubstancias a orla verde do poema

Não te disse ainda

Entro na água sem ruído
até à cintura
do coração

To hear you
is an entreaty from the sea depths

I didn't tell you yet
that your mouth takes after the arc of tides
as if before you
your tongue
ship and hoisted sail
flaming anchor
identical to the brightness of clear days
uncovered
no one would have ever said
wave
seagull
sun or midday

From my hands
suspend each of your words
ascended syllables
moorings of pollen
two locusts at summer's summit
a verse that water spends
the inside of a conch
a map for navigation

And from my arms
extended at shoulder height
two canals of irrigation
so that
serving the earth
the subtle trajectory of seaweed
you could
if you wish
voice
yours
liquid material
and a tender full harvest
flowing all
and fertile

I have yet to tell you
In my breast I bring
an anemone made of all the windows
I didn't tell you yet
that only you
break night's deaf fluid
and make flesh of the poem's green edge

I didn't tell you yet

I enter water quietly
to the waist
of the heart